

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1094
 GUIMARÃES, 4 de Janeiro de 1953
 Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-B Tel., 4313
 Comp. e Imp., Tip. Ideal, Tel., 4381
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

De aspiração a realidade

Congratulamo-nos com o estado de «*maré alta*» em que se encontra a Vila de Vizela, um dos centros de notável importância no Património turístico de Guimarães e ainda na vitalidade do seu desenvolvimento industrial e comercial, assim como em outros sectores do labor humano. Além disso, as suas Termas, em que ela se encontra instalada em trono de Rainha, colocam-na em situação de relevo entre os restantes centros ou aglomerados mais importantes do concelho. Por isso, o seu progresso impõe-se por uma questão de direito e de justiça e é, talvez, em face disso que o mesmo se tem acentuado, com maior intensidade, nos últimos anos, quer por justa compreensão da Câmara Municipal, quer também pelo que diz respeito ao próprio Estado, que não lhe tem negado o seu patrocínio.

Vem isto a propósito da notícia que chegou até nós da construção de um edifício destinado à sua Sede do Turismo, aspiração que desde há muito se encontrava no seio da população Vizelense e que dentro em pouco passará a ocupar o seu lugar no número das realizações de reconhecido valor bairrista. E' assim, com factos consumados, e não com negligências ou paliativos — que nada valem nem nada produzem — que uma terra poderá progredir e sobretudo quando a mesma tiver condições para se tornar digna desse progresso. De resto, o melhoramento em referência, isto é, a construção do edifício para a Sede da Junta de Turismo de Vizela representava uma lacuna na sua vida turística e, por isso, o desaparecimento dessa falta constituirá, além de uma realidade de grande alcance progressivo, uma real demonstração de que igual exemplo se deverá verificar na cidade de Guimarães, onde, com mais razão e com maior imperativo de consciência, a falta de uma Sede de Turismo, condigna, se transforma em vergonha e falta de brio, qualidades que os Vimaraneses não possuem, mas que, perante os olhos dos visitantes, as impressões colhidas a esse respeito nunca poderão ser agradáveis em presença do próprio aspecto do local em que se encontra instalada a referida Sede. Em tempos — não muito distantes — falou-se, com acalorada insistência, quer através da imprensa, quer nos centros de cavaqueira, na construção de um edifício para aquele fim, chegando mesmo a ser designado o local e a citarem-se algumas características do seu conjunto arquitectónico. Porém, nada de novo até hoje, não obstante já estarmos no Ano das Comemorações do Centenário da Cidade, às quais muito bem se ajuntaria a inauguração da nova Sede do Turismo. De momento, estão de parabéns os Vizelenses, por esse e outros melhoramentos que valorizam a sua terra. De parabéns estão, igualmente, os

pobrezinhos que vão ser contemplados com moradias oferecidas pelo grande industrial e grande benfeitor, sr. Joaquim de Sousa Oliveira, Homem que é digno da felicidade com que tem sido distinguido, porque não guarda só para si o fruto que dela colhe, mas, pelo contrário, reparte-o pela Caridade para que esta, por sua vez, o transforme em Obras de Misericórdia. Bem haja e Deus lhe continue a dar vida e saúde para da mesma forma poderem continuar as suas acções de grande benemerência. E' como atrás dizemos: Vizela está em estado de «*maré alta!*»

V. C. A.

NOVO ANO

por Aurora Jardim

Ano Novo que aí vens, tenho medo de ti.

Porquê? Não sei. O meu amor continua a ser o meu amor. Mas sei que tens na tua mão a ternura que tudo corta até o coração.

Ano Novo que aí vens, tenho medo de ti.

Porquê? Não sei. O sol continua a doirar teu sorriso a desabrochar. Mas sei que tens dentro de ti dias negros de ansiedade de temor e de saudade.

Ano Novo que aí vens, eu tenho medo de ti.

Porquê? Não sei. Serás mais um... serás o último? Queria ser feliz ainda Não! Morrer, não... Oh, que grande interrogação!

Ano Novo que aí vens, eu tenho medo de ti.

Porquê? Não sei. Se tiver os teus dedos nos meus entrelaçados eu deixo de ter medo: Vão-se-me os cuidados. — Amor, meu amor, gostas de mim? Disseste que sim, sorrindo.

Ano Novo que aí vens: — Sê bem vindo!

AUGUSTO RÉGO
 ADVOGADO
 Avenida Marechal Gomes da Costa, 398-1.º-B.
 Telefone, 2960
BRAGA

CAIXEIROS VIAJANTES

Todas as profissões têm a sua história. Também a tem, na evolução dos tempos, a profissão do caixeiro viajante.

Será remoto o seu passado? Em rigor não é. Este auxiliar prestimoso de toda a actividade económica — o caixeiro viajante — não provém dos primeiros séculos da Nação. Os homens do labor oficial, produziam e vendiam. Vendiam sem intermediários. Cada mester vendia directamente ao público. O tabuleiro da oficina, era o balcão da tenda. Oficina e tenda, formavam um todo.

Quando a produção excedia a exigência do mercado local, para que o excedente de produção não resultasse em inábil, o mestre de ofício tomava sobre carga a manufactura, e... partia. Esta deslocação, mesmo temporária, trazia consigo um problema: alterar-se o ritmo do trabalho na oficina. Para obstar a isso, o mercador-artífice teve que fazer-se substituir.

Assim surgiu o agente de vendas: o mercador ambulante. A própria aquisição de matérias primas e a mesma exigência de expansão, criaram o mercador de além do mar.

Destarte chegamos ao mercador-lojista propriamente dito. Estavam criados, no decorrer dos tempos, os intermediários entre produtores e consumidores — o tratante, que o mesmo é dizer, contratante. Homens de andar em tratos e contratos.

Para serviço das povoações, surgiram no século XIII as primeiras feiras e mercados. A burguesia do século XIII composta de artífices, sucedera-se uma burguesia estruturalmente mercantilista no século XVIII.

No primado da actividade mercantil, como seu auxiliar, vemos o «criado», mais tarde chamado «caixeiro».

Com o advento do século XIX, a máquina industrial abre fundos sulcos à economia. O mundo alarga os seus horizontes.

E' neste despertar da laboriosidade fabril que o caixeiro viajante emerge.

Os antigos «feitores» e comissários de vendas por conta dos mercadores de «grosso

trato», foram o germen, a raiz remota do caixeiro viajante.

Depois que estes auxiliares se estenderam por todos os continentes, o Comércio, a Indústria e a Agricultura, singulararam. O caixeiro viajante tornou-se, após a sua aparição, um agente indispensável. Toda a actividade económica lhe confiou um grande papel de expansão. Sem eles, a máquina, ainda que auxiliada pelo vapor e pela electricidade, ainda que accionada pelo proletariado, abrandaria seu impulso de produção.

Na bruma dos tempos idos perdeu-se o mercador-artífice, — aquele que vendia directamente ao público, sem intermediários, a sua manufactura.

Na sucessão de outros interventores mercantis, o que vai na dianteira de todos, é — o caixeiro viajante.

Ele é o arauto anunciador de toda a produção manufactureira e fabril. O seu mostruário e a sua dialéctica, fazem prodígios para captar a encomenda.

Se não tem, tanto como os seus colegas primitivos, deambulâncias de aventura e perigo, nem por isso deixa de calcuçar invios caminhos, jornadas de sacrifício.

Se as estalagens e aposentadorias não são tão sórdidas, como aquelas que descreve Camilo, ainda assim o seu roteiro de viagens as depara, aqui e ali, para seu desconforto.

Aquele típico quadro de um nosso ourives feirante da era de Quatrocentos, montado sobre besta muar de sela e freio, pondo a sua vida garante nos zagalotes de dois bacarmates, entrou na História.

Desde 1789 que Guimarães substituiu por estrada de macadame a arcaica via romana.

Em 1854 Portugal assentou a sua primeira via-férrea. Nos alvares de 1882 o apito da locomotiva despertou a mata do Cavalinho. Chegou à nossa terra.

Todo o panorama da vida mudou. Mudada está a geografia comercial. O caixeiro viajante dos nossos dias não tomou conhecimento com a estafeta; mal conheceu a diligência e o cavalecoque de transporte e carga. Se o que-

DAQUI NÃO SAIO...

O Natal de Jesus

(Retardado na Redacção)

Comemoramos mais um aniversário do nascimento d'Aquele que «veio ensinar à gente, que todos somos irmãos e devemos dar as mãos uns aos outros, irmãmente, como disse o poeta João de Deus, e veio para mostrar, que a vida cheia de Verdade, se deve deixar matar».

O Amor e a Verdade eis o resumo da doutrina que Jesus nos legou. Mas, há 1952 anos que a humanidade luta, sem tréguas, para alcançar a plenitude da vida de Amor e de Verdade entre os homens e parece que, em vez de se atingir este fim tão desejado, se manifesta, cada vez mais, uma vida cheia de Ódio e de Mentira.

A pureza da doutrina de Jesus foi bem aceite pelo coração dos homens e tanto assim que as multidões O seguiam, quase que esquecidas de si mesmas, desprendidas de tudo, sentindo-se verdadeiramente felizes. E assim foi nos primeiros tempos do Cristianismo, porque só o desprendimento e a renúncia nos pode trazer a felicidade.

Mas, à medida que foram decorrendo os tempos, tudo foi degenerando e aquele desprendimento das coisas terrenas foi desaparecendo, até ao ponto em que o magnífico exemplo de vida de isenção e desapego, dado pelos primeiros dirigentes da Igreja nascente, e que mantinha as multidões acomodadas e calmas, de olhos postos na humildade do Presépio de Belém, transformou-se numa vida de ostentação profana, de louco apego ao poder temporal e, assim, essas multidões, privadas de

elementos condutores, de exemplar virtude, explodiram numa ânsia de insatisfação, que não tem limites e não terá fim, se a Luz, que irradia do Presépio, não voltar a iluminar os corações daqueles que são os maiores responsáveis pela vida moral dos povos.

Quando, à luz da nossa Fé, contemplamos Aquele Menino reclinado numa manjedoura, coberto com pobres panos, tiritando de frio, temos de reconhecer que o caminho, a seguir pela humanidade, foi ali traçado.

No princípio, este caminho foi seguido, mas depois foi abandonado e o exemplo do Presépio esquecido.

No princípio, o ser cristão católico era ser um modelo de virtudes. Hoje, para as classes mais elevadas, é um título de recomendação, para melhor acomodação na vida e ascensão aos lugares privilegiados.

No tempo de Jesus, os fariseus julgavam-se os melhores cumpridores da Lei. Hoje, parece termos regressado a esse tempo e por isso estamos sofrendo e sofreremos, trágicamente, as consequências deste desvio.

Oxalá que a Luz do Presépio de Belém volte a iluminar os dirigentes e os dirigidos, mas principalmente aqueles, porque é de cima que deve vir sempre o melhor exemplo a seguir pelos de baixo. E, se assim não fôr, amargos dias nos esperam, pois é da sabedoria das nações que a História se repete e mal vai àqueles que esquecem as suas lições.

JOAQUIM DO VALE.

BOAS-FESTAS

Dignaram-se também apresentar-nos cumprimentos de Boas-Festas, que registamos com vivo reconhecimento e retribuimos gostosamente mais os seguintes nossos bons amigos: Jacinto da Silva Guimarães, António Pimenta, Coronel Henrique Alberto de Sousa Guerra, de Lisboa; Manuel Joaquim da Cunha Machado, Coronel M. Sousa Guedes, Eng.º Adelino Soares Leite, de S. Nicolau; Manuel António Branco, Comp. de

reis ver na plenitude da última conquista de viação, reparai na *fourgonete* ou automóvel, que passa a 100 à hora. Ao volante, vai o caixeiro com o seu mostruário.

Que ele — o caixeiro viajante de Guimarães — passe, vitorioso e contente.

Eu o saúdo, na hora da sua confraternização de classe!

A. L. DE CARVALHO.

DESPRENDIMENTO

(Ao poeta e amigo João de Sousa Machado).

Bani todos os ódios e paixões,
 O que pudesse escurecer-me a alma;
 Já não cobiço da Glória a palma,
 Nem me tentam mesquinhas ambições.

Quero levar uma existência calma,
 Liberto de ideais, de podridões:
 Deixar sempre uma luz nos corações,
 E essa luz seja o fogo da minha alma!

Quero que a minha vida seja um cântico
 E que o meu sonho de oiro de romântico
 Não magoe ninguém!...

Pra que hei-de encher o coração de luto,
 Se a vida não é mais do que um minuto,
 E esse minuto há-de viver-se bem?!...

(Inédito)
 Braga, 53.

A. GARIBÁLDI.



Que tivessem entrado com o pé direito no ano de 53, são os desejos sinceros da Administração do «Notícias» e deste vosso Amigo Domingos Soares (Mingos).

Miragens... «O EDECETRA»

Este fim de ano assinalou-se por um doloroso acontecimento para as letras portuguesas: a morte de Teixeira de Pascoaes.

São raros os que conseguem atingir a culminância intelectual do eminente Poeta amarantino agora desaparecido, o grau de notabilidade que o aureolou já em vida: é que o génio insuflou-lhe o poder da transcendente criação artística, banhou-lhe a alma da emoção que representa a possibilidade suprema da aproximação de Deus, enriqueceu-o de primores invulgares — que todo o seu Verbo era refulgência, sonoridade infinita, esplendor olímpico, sol, Espírito, enfim. (A religiosidade — seja-me permitido esta expressão — mística, saudosista e panteísta de Teixeira de Pascoaes, é um misto de grandezas múltiplas).

E porque assim era, a sua obra aliciante e extraordinária alçou a literatura nacional e projectou-se no mundo de uma maneira assombrosa, ao ponto de os suecos se interessarem pela sua candidatura ao Prémio Nobel.

Tem razão Costa Barreto: — «A Arte, quando atinge as culminâncias do génio, não é só pertença de um país, mas de todos, como pedra angular da mesma civilização comum. Isso aconteceu com Dante, Camões e Goethe e sucederá ao poeta de Amarante, pois na sua frente havia o selo do génio».

Amigo dos humildes, amava os cavadores — sei lá — talvez por os compreender como irmãos generosos que dão à Terra-Mãe lágrimas e suor,

sacrifícios e amor, canseiras e vigílias. Grande Homem e grande Poeta!

Amava tudo o que era grande e belo — grandeza e beleza que seriam os alicerces irremovíveis do seu novo mundo, de uma nova Humanidade, presa de um credo de amor, de verdade, de justiça e de concórdia.

Teixeira de Pascoaes, como todos os homens superiores, viveu a tragédia universal do nosso tempo e espiritualizou o sofrimento no seu Verbo majestoso em tais proporções, que a sua obra fica para o mundo e para o futuro.

O primado do Espírito é imortal. Ai do mundo, sem o primado do Espírito!

A poesia — disse-o Teixeira de Pascoaes na voz moribunda e quase derradeira, «enaltece a vida e aperfeiçoa os homens». Ai do mundo, sem a poesia!

Toda a sua obra é um cântico do Espírito.

A Natureza, com todas as suas riquezas — as tintas do crepúsculo, da aurora, as árvores, os rios, do dorso majestático das serras, os campos, os vinhedos, as searas; as estrelas, o sol, o luar, o silêncio, as sombras — tudo o esmagou, o dominou. E os seus versos, escreve o escritor A. M. «cândidos ou grandiloquos, etéreos ou serranos, são um pensamento em ascese a exprimir-se em caudais de imagens e estas são reflexos subjectivos da sua sensibilidade hiper-estesiada».

Até as pedras o impressionaram:

Porque é que vós, meus olhos, de repente Comovidos, físicos, a contemplar Uma pedra qualquer, se toda a gente Era incapaz de nela reparar?

Figura esquelética, algumas vezes o vi nas minhas andanças por terras de Entre-Douro e Minho, de vez em quando de olhos postos na paisagem e no céu.

Se António Cândido foi a *Águia do Marão* no Verbo candente da oratória, Teixeira de Pascoaes foi-o de igual maneira — e que sublimidade! — no Verbo divino da poesia.

Ditadas pela minha saudade e pela minha admiração, aqui ficam estas humildes palavras. E creio que ficam bem, neste jornal que tão digna e brilhantemente sabe enaltecer valores.

Palavras humildes, embora, mas que representam a minha homenagem ao Poeta notável — «apagado de tanta luz que deu: frio de tanto calor que derramou».

SOUSA MACHADO.

Teatro Jordão

HOJE, ÀS 15 E 21 HORAS

APRESENTA

O CASO CICERO

com James Mason e Danielle Darrieux

A história do famoso Cicero, o espírio mais bem pago do Mundo, que se perdeu por uma encantadora aventura.

Espectáculo sem classificação especial

TERÇA-FEIRA, 6--ÀS 15 E 21 HORAS

O PRÍNCIPE LADRÃO

com Tony Curtis e Piper Laurie

Uma das mais belas e românticas histórias das mil e uma noites!

Espectáculo sem classificação especial

QUINTA-FEIRA, 8--ÀS 21 HORAS

ONDE OS ABUTRES NÃO VOAM

com Anthony Stell e Dinah Sheridan

Uma verdadeira homenagem à selva africana, que nos surge com todo o colorido da sua fauna perigosamente encantadora!

Espectáculo sem classificação especial

SÁBADO, 10--ÀS 18 E 21,30 HORAS

Em Sessão Popular

O FANTASMA DO ZORRO

Espectáculo sem classificação especial

Estão em voga os temas médicos ou para-médicos em literatura. Não porque sejam novos mas porque oferecem de cada vez mais, aos psicólogos, aos poetas e aos romancistas, novas possibilidades, novos horizontes, até aqui inexplorados.

Os arquimotivos dos mais fantásticos e paradoxais procedimentos humanos começam a ser iluminados e justificados cientificamente, quer pela psicofisiologia normal ou patológica, quer pela psicanálise freudiana.

E' certo que os grandes escritores não precisaram de conhecer as modernas concepções destas ciências para criar grandes tipos psicológicos ou psiquiátricos que foram de certo modo os que abriram o caminho à curiosidade científica. E sob o ponto de vista literário e artístico «é mais importante conhecer a espécie de paciente que tem a doença, do que a espécie de doença que o paciente tem».

A profissão médica tem o privilégio especial de penetrar na intimidade de cada lar, de auscultar o corpo e a alma de cada doente.

Pode dizer-se que o médico está em contacto diário com os maiores dramas humanos, com os mais extraordinários jogos ou estados emocionais cujas combinações constituem as características mais salientes da personalidade humana normal ou patológica. A prática médica pelos violentos choques morais a que está sujeita apesar da banalidade do dia a dia, pode subtilizar nos mais altos níveis sentimentais e emocionais a própria experiência humana.

A casuística do Dr. Eduardo d'Almeida no «Edecetra», é rica, variada, lógica, científica. Há uma relação profunda entre as espécies de pacientes magistralmente talhados e as espécies de doenças que os pacientes têm.

Os seus personagens sabem falar ao mesmo tempo a linguagem simbólica do inconsciente e a linguagem clara do consciente num estilo soberbo, elevado, harmonioso.

O Dr. Edecetra, um psicanalista mais literato que médico, tinha um segredo íntimo que deixou bem expresso através dos seus escritos, das suas digressões, fugas ou soliloquios. *Errara a sua vocação e foi mais uma vítima dos designios familiares.*

O seu sentimento de incompletude faz dele um desajustado. No *nocturno funambulesco* sofre de um paroxismo de despersonalização e assiste aos acontecimentos e aspirações da sua própria vida psíquica como um espectador indiferente e inerte, como um autómato, com um corpo sem alma. Dugas, indica como causa principal deste estado, a atonia moral, que gera a aproxexia que pode chegar a libertar a actividade automática de tal maneira que as operações mentais são percebidas pelo sujeito como estranhas a si mesmo.

Havia no ar misterioso e confuso um torpor alucinante. Os sentidos amoleciam, a energia separou-se do corpo... Não era o presente nem o passado mas o passado em presente ou o presente talvez como já passado... Nosso eu se transcendia em outro eu mais íntimo e profundo todavia adverso e desconhecido.

E sob o estonteio de macabro entorpecimento sofre as mais intensas reacções afectivas e o afloramento das mais fantásticas recordações literárias, de acessos de desgosto, de

bruscas variações de humor, de desequilíbrios, de emotividade, de crises libidinosas. O cadáver da virgem... o cadáver do seu amor virgem... a inviável esmaecida pianista... o desconexo da cozinheira bailarina... o próprio Bartolomeu sem o mais pequeno rasto do Bartolomeu alfaiate, Bartolomeu teatralizado em personagem... e as admiráveis e empolgantes harmonias do violino de Monteverde e de Sérgio... *E as notas desprendiam-se do instrumento como se viessem directamente do arfar do seu coração, do pungir em rufos do seu pensamento.*

Um passado saudosista «revêries» em que o real apenas perturba e modifica as percepções internas. E então há admiráveis sínteses, vagas e esfuziantes identidades entre o médico, o artista amoroso e o literato, como se do seu fundo afectivo brotasse num amplexo musical de sons e palavras, todas as harmonias da sua alma torturada.

Tantas coisas que «vimos antes de as ver e que voltamos a ver sem procurarmos tornar a vê-las».

Asas de morcego negras, como palpitações angustiosas das suas reacções afectivas, mas na verdade asas de condor nas alturas vertiginosas da sua inquietação artística.

E o Dr. Edecetra *aguçado pela curiosidade do mórbido mais que por imperativo clínico* aponta e descreve com perfeição os diversos personagens como se sentisse um prazer estranho, inibitório, como se necessitasse de acentuar e ampliar um singular estado de atimia-psíquica.

O prazer do mórbido pode ter suas origens confusas como diz Oesterreich, numa agradável pausa, numa sufocação e inibição das tonalidades afectivas, com o natural desprendimento de um sentimento inverso de automatismo psíquico. Uma espécie de desquidada e libertadora euforia, de «descerebração funcional».

Foge, esconde-te e cala-te é o dístico mais apropriado à moléstia moral do homem consciente, na sua nudez apavorante que consegue vislumbrar à luz introspectiva do «nosce te ipsum», um mundo terrificante e ignorado. Existe embrionariamente em cada um de nós, o fermento de todas as loucuras e aberrações.

Escondido bem lá no fundo de todos nós, em recessos inexplorados, existem as mais fantásticas energias psicomotoras e «qualquer desvio do objecto ou fim no inconsciente é capaz de introduzir desordens ou perturbações na descarga de energia do ser humano, seja ao nível do metabolismo, seja ao nível do comportamento».

Os distúrbios ao nível da constituição e da conduta anti-social é que geraram a componente psicológica das neuroses dos dois irmãos: o Natureza Morta e o Ong Má Ké.

No artista, o Natureza Morta, há sublimação anormal do líbido como se estruturasse para sempre nos seus ouvidos, nos olhos, nas mãos, na própria pele, fugidias palpitações onomatopaicas do seu próprio ser; um fluido subtil que ficou a vibrar na volúpia sensual do tacto que acaricia com mãos encantadas e adivinha no espaço a delícia das formas ideais.

No outro, no Ong Má Ké, há com verdadeiros ataques de ansiedade, uma satisfação sexual incompleta de tipo infantil, um auto-erotismo de espiador, quase sempre agravado pelo exagero de restrições morais da sociedade e por

A Gerência da Fábrica de Móveis

Alpimenta

DE

Alberto Pimenta Machado & Filhos

deseja a todos os seus estimados clientes um próspero Ano Novo.

Foi inaugurado em Vizela Um Bairro de Casas para pobres

Vizela abriu o novo ano de 53 com festa alegre e significativa. A expressão da caridade manifestada por obras que valem mais e significam muito mais do que as palavras em si muito significativas mas, na realidade, inúteis nas consequências.

Graças ao espírito caritativo e cristãmente decidido do sr. Joaquim



de Sousa Oliveira, Vizela possui o primeiro Bairro de moradias de renda gratuita para pobres, onde podem ser alojadas seis famílias das julgadas mais necessitadas.

Do que foi a festa da inauguração muito se poderia dizer. Todavia o seu alto significado sobressai no espírito de todo o Vizelense e não Vizelense, como obra de grande mérito e digna de ser imitada por todos os que podem e têm boa vontade. Obras que perpetuem concretamente a dignidade e pureza de carácter de cada um, eis o mais

tendências hereditárias mal corrigidas.

(Continua)

I. V. C.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora

Ano Novo, vida nova — assim o diz a tradição popular. De facto, sempre que se inicia Novo Ano, nova vida com ele começa, umas vezes para melhor, outras para pior e ainda outras para a mesma continuar sem modificações dignas de relevo. Digo-lhe isto, minha Senhora, porque já é em 1953 que lhe escrevo esta carta e, portanto, no início de mais um ano que, de momento, não passa de um alegre *bambino* em quem todo o mundo tem os olhos postos, aguardando o desenrolar do seu destino. Será bom? Será mau? É essa a expectativa de toda a gente e oxalá que o bom se oponha ao mau e que, na mesma ordem de ideias, o direito se oponha à injustiça, a Caridade se oponha à maldade, o amor se oponha ao ódio, a fé se oponha à dúvida, a esperança se oponha ao desánimo, a certeza se oponha à incerteza, a Paz se oponha à Guerra, o optimis-

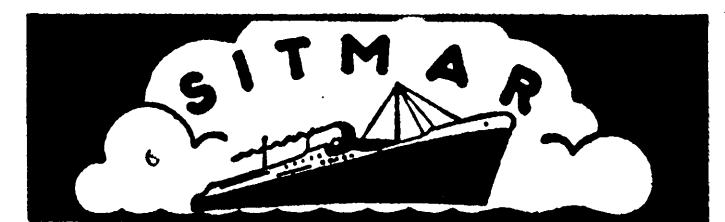
necessário padrão para aquilatar daqueles que podem compadecer-se dos miseráveis.

A esta festa simples mas, ao mesmo tempo, de grande significado, assistiram individualidades de todas as camadas sociais e de tal forma que o recinto se tornou pequeno para albergar tão grande avalanche de pessoas que se dignaram comparecer. O entusiasmo foi geral.

Com a assistência de S. Ex.^{ma} Rev.^{mas} os srs. Arcebispo Primaz e D. Abade de Singeverga procedeu-se à bênção das aludidas casas usando da palavra S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o sr. D. Abade de Singeverga que, numa breve mas brilhante alocução disse do significado da festa, apresentando os cumprimentos de parabéns a todos os Vizelenses pela obra que acaba de inaugurar-se à custa da Firma Joaquim de Sousa Oliveira & Filhos, que se dignou entregar o mesmo Bairro à Comissão Fabriqueira de S. João das Caldas de Vizela.

Abrilhantar o acto compareceu a banda dos Voluntários de Vizela que executou vários números, demonstrando grande firmeza, harmonia e expressão em todos os trechos.

O nosso abraço ao sr. Joaquim de Sousa Oliveira e os nossos parabéns a Vizela.



Soc. Italiana Trasporti Marittimi S. P. A. Genova

SERVIÇO REGULAR para Brasil, Uruguai e Argentina nos paquetes rápidos:

«CASTEL VERDE»
«CASTEL BIANCO»
«CASTEL FELICE»

1.ª CLASSE, 3.ª CAMAROTE e 3.ª SIMPLES
Próximas saídas:

«CASTEL VERDE»
esperado em 3 de Fevereiro de 1953.

«CASTEL FELICE»
esperado em 28 de Fevereiro de 1953.

OS AGENTES:

Manuel dos Passos Freitas & C.^{ia}, L.^{da}
RUA DO ALECRIM, 45-1.º — LISBOA
TELEFONES 35844/5

O NATAL DOS NOSSOS POBRES

da cidade

Table with 3 columns: Name, Amount, and Category. Lists names and donation amounts for the 'Transporte' category.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos: No dia 24 de Dezembro, mademoiselle Cidália Fernandes Gaspar; no dia 27 e não em 29, como por lapso noticiámos, o nosso querido amigo sr. João Pedro de Sousa Guise; no dia 5 de Janeiro, o nosso bom amigo sr. Manuel Teixeira de Freitas; no dia 6, os nossos bons amigos srs. Luis Correia de Sousa Areias, conceituado industrial; Agostinho Dias Pinto de Castro, António Abreu e Alvaro Neves de Castro e a sr.ª D. Emília da Costa Barroso; no dia 7, o nosso querido amigo e ilustrado pároco de S. Paio, rev. Luis Gonzaga da Fonseca e a sr.ª D. Felícia Gomes de Castro da Cunha Machado, esposa do nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado; no dia 8, os nossos prezados amigos srs. pro-

biente em que as mesmas se desenvolvem.

Porém, «não há seara sem joio» e o 1953, apesar da sua tenra idade, já deve ter conhecimento desse pormenor. Veremos, pois, o que nos dirá o desenrolar do seu calendário, mas oxalá que, na parte respeitante a Guimarães, o progresso desta terra e a ressurreição das forças mortas nele se encontrem gravados a letras de ouro para que não devam nem cessar continuar a ser letra morta, como, infelizmente, o têm sido em programas de muitos dos seus antecessores. Demais a mais, 1953 marcará a sua posição na categoria desta nobre terra, sobretudo por ter o privilégio de encerrar o primeiro período de cem anos em que a antiga Vila de Guimarães foi elevada à categoria de Cidade. Isso só bastará para que no decorrer de 365 dias — vida curta, mas que poderá ser benéfica — Guimarães possa entrar a letra do seu Hino e abraçar a sua ditosa Bandeira com muita alegria, muita satisfação e muito entusiasmo. São esses — julgo eu — as aspirações de todos os Vimaraneses e, com certeza, V. Ex.ª que é pessoa que sabe «dar o seu a seu dono», igualmente se associará ao regozijo dos Vimaraneses, quando souber que chegou a hora de lhes ser feita a devida justiça. Por outro lado, não ficará aborrecida com este arrazoado a propósito do rapasinho que passou a governar o mundo desde o dia um do mês corrente e, assim, orientar cada um segundo a directriz do seu destino.

Quando a V. Ex.ª e aos seus entes mais queridos, desejo que o 1953 lhes seja portador de tantas felicidades quantas possam caber nas aspirações de cada um.

De V. Ex.ª Cd.º Ven.º e Obg.º Janeiro de 1953. X.

fessor Joaquim Martins Lima, nosso distinto colaborador; dr. João António de Almeida, illustre clínico, Alípio Ribeiro Souza, Alberto Azevedo Mendes e Flávio Faria, de Vizela, e a sr.ª D. Leocádia Martins Ribeiro; no dia 9, mademoiselle Maria Idalina Faria Martins e as sr.ªs D. Dulce Andrade da Silva Carvalho Dantas e D. Maria da Conceição T. Aguiar Freitas e o sr. Domingos Alfredo Mendes; no dia 10, as sr.ªs D. Carolina Sampaio Soares e D. Maria da Conceição Costa Mendes; no dia 11, a sr.ª D. Lucinda de Jesus Guimarães e os nossos bons amigos srs. João de Freitas, de Urgezes, e Manuel Joaquim Dias.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 6, completa 3 risonhas primaveras o menino Carlos Alberto, filho do nosso amigo sr. João de Oliveira Coutinho e de sua esposa. Parabéns.

Partidas e chegadas

Bispo da Guarda — Tem estado nesta cidade, de visita a sua família, devendo regressar amanhã à sua diocese, o illustre Bispo da Guarda e nosso conterrâneo Reverendíssimo senhor D. Domingos da Silva Gonçalves.

Cumprimentamos nesta cidade o nosso bom amigo sr. Luis de Oliveira Barros, do Porto.

Esteve em Lisboa de onde já regressou o nosso prezado amigo sr. João de Deus Pereira, nosso camarada de «O Primeiro de Janeiro».

Partiu ontem para Lisboa, onde embarcará, a bordo do «Eva Peron», acompanhado de sua esposa, de regresso ao Rio de Janeiro, depois de haver passado uma temporada nesta cidade, de visita a sua família, o nosso querido conterrâneo e amigo sr. João Pedro de Sousa Guise, a quem desejamos uma feliz viagem e muitas prosperidades.

Em viagem de recreio partiu para a Ilha da Madeira o nosso prezado amigo sr. Ezequiel de Sousa.

Com sua família esteve nesta cidade o nosso querido amigo e distinto cirurgião no Porto, sr. dr. António Paul.

Tem estado entre nós o nosso prezado amigo sr. Joaquim Alberto César.

Esteve nesta cidade, com sua esposa, a passar as Festas do Natal com sua família, o nosso prezado amigo sr. Casimiro da Silva Lopes, estimado comerciante de ourivesaria em Viana do Castelo.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. José da Silva Martinho, das Taipas.

De visita a seus pais tem estado nesta cidade o nosso prezado conterrâneo sr. José Sílvio Pereira de Freitas, empregado comercial em Lisboa.

Encontra-se entre nós o nosso prezado amigo sr. António Luís Teixeira, de Beja.

Tendo sido colocado na Escola Industrial e Comercial de Guimarães, fixou residência nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. António Martins Júnior.

De visita a sua família esteve nesta cidade o nosso amigo sr.

Joaquim Ribeiro Machado, guardalivros em Manteigas.

Casamento

Realizou-se no dia 17 de Dezembro, com muita solenidade, na igreja paroquial de S. Jorge de Selho, o casamento da sr.ª D. Maria Balbina Mendes Correia, filha do sr. Alfredo José Lopes Correia e de sua esposa a sr.ª D. Elda da Cunha Mendes Correia, com o sr. Clemente Augusto Correia Machado Ribeiro de Abreu, filho do sr. Augusto Ribeiro de Abreu e de sua esposa a sr.ª D. Palmira Correia Machado Ribeiro de Abreu.

Testemunharam o acto, a que assistiram muitas pessoas das relações das famílias, os pais dos nubentes, e após o acto foi servido em casa dos pais da noiva, no Pevidém, um primoroso copo d'água.

Foi celebrante o rev. P.º Aurélio Fernando Martins Pinto.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

No dia de Nossa Senhora da Conceição consorciaram-se na paroquia de Gonça a sr.ª D. Aida Marques Martins, filha do saudoso comerciante sr. José Fernandes Martins, e o activo empregado comercial sr. Damião da Silva, tendo presidido ao acto o rev. P.º Luís Gonzaga da Fonseca, Prior de S. Paio.

Assistiram à cerimónia pessoas de família dos nubentes, tendo sido no final oferecido em casa da família da noiva, naquela freguesia, um almoço íntimo.

Desejamos as maiores felicidades ao novo lar.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria da Conceição Ferreira Machado, esposa do nosso bom amigo sr. António Custódio Gonçalves Arantes. Muitos parabéns.

Falec. e Sufrágios

D. Maria Carneiro

Confortada com todos os sacramentos da S. M. Igreja e contando apenas 54 anos de idade, finou-se, em casa de seu filho e nora, o sr. Manuel Fernandes Carneiro, sócio da firma Carneiro Dias & C.ª Limitada, e sr.ª D. Emília da Nazaré Abreu Carneiro, na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, a sr.ª D. Maria Carneiro, tendo-se efectuado o seu funeral na 3.ª-feira às 9 horas, no templo de Nossa Senhora da Oliveira, com missa do corpo presente.

Findos os actos fúnebres o cadáver foi trasladado com numeroso acompanhamento para o cemitério paroquial de S. Romão de Mesão-Frio, onde foi sepultado.

Apresentamos sentidas condolências ao sr. Manuel Fernandes Carneiro e sua esposa.

Euclides Sotto Mayor

Em Lisboa, para onde foi residir há alguns anos, faleceu há semanas já, segundo notícia, bem dolorosa, que só agora recebemos, o sr. Euclides Sotto Mayor, casado com a sr.ª D. Rosa Sotto Mayor.

Passou a maior parte da sua vida na casa de Felgueiras, em Ribeiros, Fafe. Escreveu alguns livros em verso e dirigiu durante bastantes anos o «Notícias de Fafe», tendo

sido também, no início do «Notícias de Guimarães» seu chefe de Redacção.

O saudoso Euclides, que morreu com 40 e poucos anos, possuía excelentes dotes de inteligência e era um espírito bondosíssimo.

A sua morte impressionou-nos deveras. Curvamo-nos respeitosos ante a sua memória e apresentamos condolências à família.

D. Ana Maria de Castro

Na Casa de Santana, na freguesia de Santa Marinha da Costa, finou-se esta bondosa senhora, mãe dos srs. Francisco de Castro, Francisco José Novais, Domingos Novais e da sr.ª D. Joana Novais, tendo-se efectuado o seu funeral no dia 1, para o cemitério paroquial daquela freguesia, com numeroso acompanhamento.

Pésames à família dorida.

Manuel da Silva

Faleceu na freguesia de Lordelo, contando 86 anos de idade e confortado com todos os sacramentos da S. M. Igreja, o estimado proprietário sr. Manuel da Silva, casado com a sr.ª D. Maria Barbosa Coelho; pai das sr.ªs D. Rosa Barbosa Coelho, D. Laurinda Barbosa Coelho, D. Glória Barbosa Coelho e D. Cecília Barbosa Coelho e dos srs. Armindo da Silva e Delfim da Silva, e sogro da sr.ª D. Madalena Machado Sampedro, e dos srs. Manuel Pereira de Sousa, Aníbal da Costa Abreu, Manuel da Costa Abreu e José da Costa Abreu.

O seu funeral, que foi muito concorrido, efectuou-se naquela freguesia no passado domingo.

Os nossos pésames à família dorida.

De luto

Pelo falecimento de sua sogra, ocorrido há dias em Cabeceiras de Basto, guarda luto o nosso prezado amigo sr. José Maria Machado Vaz, a quem apresentamos as nossas condolências.

Pelo falecimento de sua sogra, ocorrido anteontem na Póvoa de Varzim, onde residia, guarda luto o nosso prezado conterrâneo sr. Eng.º Duarte do Amaral, a quem apresentamos condolências.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do «Laboratório Hôrus», ao L. do Tournal, Telef. 4529.

CHEGOU O INVERNO!

Grande sortido de lindos casacos impermeáveis para senhora a 200\$00. Casacos de borraça para homem e criança. Zambrenes, Trincheiras e Gabardines, calças, casacos e sobretudo, Galochas e botas altas de borraça, Guarda-chuvas em seda e algodão, baratíssimos. Só na Camisaria Martins ou na Casa Jaime, ao Tournal.

PEDIDO

No dia 22 de Dezembro, uma senhora que vinha do Porto na camionete da tarde, no lugar n.º 2 e se apeou em Famação, levou por engano um pacote com roupa de outra passageira. Pede-se, portanto, o favor de entregar essa encomenda no escritório da Empresa Ferreira das Neves.

mo se oponha ao pessimismo, etc., etc. Se assim acontecer, o Novo Ano deixará assinalada a sua vigência no coração de toda a humanidade que anseia melhores dias e que, em face disso, apela para o novo orientador da vida dos povos no sentido da sua acção se tornar digna de admiração e de louvores e, ao mesmo tempo, o seu desamparamento deixar saudades com

justificado reflexo em todo o mundo, designadamente nas pessoas que sabem apreciar e compreender a sublime virtude de espalhar o bem e de amordaçar o mal. Eu sei, minha Senhora, que o mal também tem os seus adeptos e esses nunca se poderão conformar com o contrário, visto que pertencem à família das ervas daninhas, sempre perigosas e prejudiciais ao am-

Ao descermos o viso fragoso das Inq. de 1220, de onde a custo, por encobertas pela neblina dos séculos, mais à imaginação do que à objectividade da inteligência, sentimos erguerem-se vagas sombras de homens, de lugares e de costumes na poeira das tradições e na cinza morta dos pergaminhos, ao nosso espírito aferra-se emocionante como, por sobre todas as contingências do tempo e da fortuna, domina a luta do cavador pelo pão nosso de cada dia e o tem de ratinhar à sua fome para a insaciável voracidade de multiplicadíssimos contributos, não conseguindo outro descanso para o suor do corpo no trabalho se não quando tem de verter, generoso e forte, o sangue das veias no tumulto heróico de rijas pelejas. Nesta odisseia secular, já o dote de Mumadona se transformara no vasto senhorio do Mosteiro de Vimaranes, este no Condado Portugalese, e, bem assente em Coimbra, com a alma da nossa gente nortenha acendendo a ajuda de estranhos, se estendera a Lisboa e a tomara, e ajustira o Algarve e dominara o Algarve. Ao primeiro Afonso sucedera o primeiro Sancho, em tudo, em boa hora, digno do nome do Pai e da missão histórica, que dele herdara. Os anos precipitam-se, crus e revoltos, em heróicas lutas com o muçulmano e os trágicos dissídios civis, quando não tão sangrentos, mais lancinantemente dolorosos: as de Afonso II, duro e forte, que em resposta a coações ambiciosas, ordena estas inquirições sobre o senhorio régio territorial, e agora envolto em luta com as irmãs, as de Afonso III contra seu irmão Sancho II, «em quem renascia (como bem nota Oliveira Martins) o espírito guerreiro dos avós», mas sujeito a largos colapsos de «remissão e flexidão» (no dizer de Dvarte Nvrez do Liam), e que, perdido de amores por Dona Mécia Lopez de Haro: «hua viuua muito moça, formosa, e de grande linhagem», se deixa succumbir, na atmosfera envenenada pela ambição de fidalgos ambiciosos e traidores, no inteiro subjugo da funesta paixão, dramático romance de amor vivido. Quando lha roubam do Paço de Coimbra e a levam para Ourém, o Rei, como qualquer Mendigo de Esmola, acode com um terço de fiéis servidores a requisitá-la e não consegue nunca mais tornar a iluminar seus olhos da imagem querida. O destino recusa-se até a cumprir seu desejo de ser na pátria sepulto: na própria capela de Toledo, cemitério dos Reis velhos,

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

«A história do povo é a história das instituições municipais»

Gama Barros.

A' Ex.ª Câmara Municipal

Of. EDUARDO DE ALMEIDA.

onde fora enterrado, «não se sabe divisar qual he o corpo de hum Rei, nem qual do outro»!... Nessas lutas de família, que, em seu tempo e por força de sua própria natureza e repercussão, envolvem e implicam uma questão de importância nacional, as excomunhões do Papa, nascidas na mesma hora da nossa independência, continuam e multiplicam-se, transformadas no eco de falsas delações, nas quais, aliás, se retrata a extrema ambição de parte do clero, soberbo e dissoluto, e de certos mosteiros, em competência com aquela parte da aristocracia, que se transformara de guerreira em solarenga. (Tomaz da Fonseca, em seu notável livro Don Afonso Henriques e a fundação da nacionalidade portuguesa, Coimbra — MCMXLIX, elucida, com meticoloso estudo, esse aspecto histórico, de indiscutível importância para o conhecimento da época).

Guimarães, a quem D. Afonso II — «com minha mulher a Rainha D. Urraca e os meus filhos D. Sancho, D. Afonso e D. Leonor» —, confirmara ao seus moradores — «aquelas cartas e aqueles foros que vos eram os meus avós, o Conde D. Henrique e Rei D. Afonso» —, mantém-se, na contenda com o Conde de Bolonha, fie ao Rei, pelo que, mais uma vez, sofre as duras provas de um novo assédio. E' curioso denotar-se, o que vem apenas a certificar não ser jamais perdido o exemplo e valor da fidelidade, que, seguro no trono, sobretudo pela morte do irmão, Afonso III, não quebra a tradição, até aí seguida pelos nossos Reis de longas e frequentes permanências ou pausas no Burgo Vimaranesense, antes «estabelece por algum tempo a corte em Guimarães», antes da visita a vários distritos e de se recolher a Coimbra.

Um dia de sol poderoso ilumina e como incensa na glória da purificação esta vertigem do tempo na epopeia dramática dos humanos desatinos: a batalha das Navas de Tolosa: «Lá, entre a inumerável multidão de homens de armas cobertos de ferro e montados em possantes cavalos, entre o confuso esvoaçar de pendões e estandartes... a numerosa mas pobre e grosseira infantaria portuguesa soube distinguir-se por extremos de sofrimento e de actividade no mais duro serviço do exército e no valor impetuoso com que se arrojava ao combate. ... Era o povo que surgia forte e activo, porque a vida municipal despertara nele o sentimento da liberdade e a ideia da pátria.» (Alexandre Herculano — Hist. de Port., Livro IV).

Estamos chegados às Inquirições de 1258, ordenadas por D. Afonso III. Se as de 1220, a que mandara proceder D. Afonso II, cuja acção de reinante a lepra corroi e ceifa aos 37 anos, tinham como principal objectivo a exacta averiguação dos bens da coroa e dos seus direitos territoriais, estas, além de igualmente se destinarem ao exame e descrição das rendas do estado, revestem-se de carácter não só fiscal como também administrativo, o que naturalmente resultara da força progressiva da vida municipal e da consolidação dos concelhos. Assim se transformava aquela velha tradição dos inventários de bens (de que temos colhido nestas páginas vários elementos, alguns ordenados também superiormente, desde tempos anteriores à nossa independência nacional), e se revestiam de forma concreta e mais genérica tentativa de relação e balanços, por vezes iniciada com maior ou menor amplitude (como se vê de referências em João Pedro Ribeiro — Memórias das Inquirições; António Caetano do Amaral — Memórias; Gama Barros e Alexandre Herculano, nas obras citadas). Temos um exemplo no doc. CXCIV, a pag. 178, do Vimaranes Monumenta Historica.

Volvidos apenas muito embora 38 anos sobre as anteriores, as Inquirições de 1258, cuja síntese marcará mais um passo nesta jornada, logo denunciam largas e profundas alterações na organização administrativa e na vida económica do povo.

Continua.

VAMOS MATUTAR!

NOTÍCIAS DE GUIMARÃES N.º 21

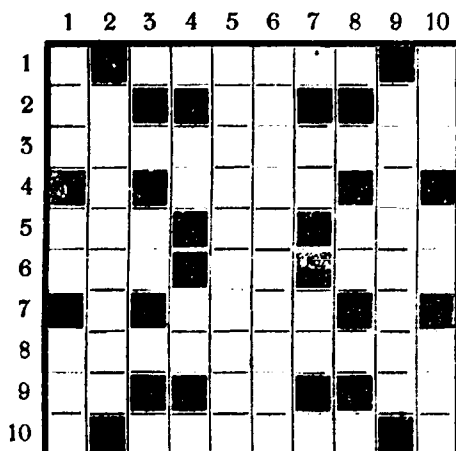
Direcção de: Jaime dos Santos Ribeiro Dias (JARIDI)
Correspondência para Cubo — Vieira do Minho

CHARADISMO — RECREIO — PALAVRAS CRUZADAS

A todos os edipistas...

A todos os senhores edipistas, solucionistas ou colaboradores desta secção, se deseja um Natal muito feliz e um Ano Novo cheio de alegrias. Que 1953 seja portador de um maior entusiasmo e dedicação por «Vamos Matutar!...» eis o meu voto.

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: 1) Torces. 2) Seguir; garbo; nome de letra. 3) Prenderiam. 4) Dê aos remos. 5) Para donde vem o vento; nota musical; fulgor. 6) Vês; existes; nome de letra. 7) Calco. 8) Enviasses. 9) Grito de dor; ditongo oral; se (bras.). 10) Exceder.

Verticais: 1) Vaso de pedra para líquidos; símbolo do alumínio; a plebe. 2) Apiedai. 3) Art. (pl.). 4) Consoante dobrada; fundamento. 5) Dilatados. 6) Suportáveis. 7) Nota de música; vogel (pl.). 8) Compreende. 9) Disfarces. 10) Numeral cardinal; nome de homem (abrev.); certo. «Jaridi»

Charada sincopada

O militar está alegre porque recebeu o estipêndio. 3-2
«Mingochas» — Guimarães

Enigma tipográfico

rio eirós

6 letras

J. P. — «Sonhador Romântico» — Lisboa

Charada aferética

«Perturba» a visão daquele infeliz que, só com grande dificuldade se «mexe». 3-2
«Rosita» — Guimarães

Soluções do n.º 20 — PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais:
1) Canapés. 2) Arame; ui. 3) Neto; sr.; x. 4) Apa; caraca. 5) Ra; gomas; m. 6) I; grilo; dá. 7) Oblata; ror. 8) E; mó; leme. 9) Lá; vital. 10) Romeira.

CHARADA COMBINADA: juventude.

ERRATA — Por lapso, faltou, no n.º 20 desta secção, o conceito da charada combinada que é «mocidade».



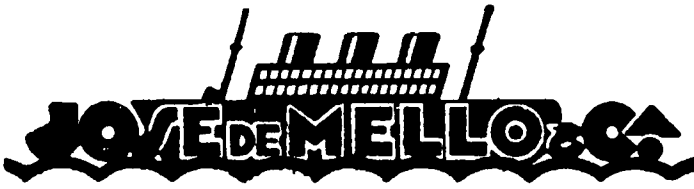
O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

ANDA MUITO
BRINCA MUITO
DURA MUITO...

UM EXCLUSIVO DA "SAPATARIA LUSO"

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domítillo.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO

com Armazém de Retem e Depósitos
(Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

CURIOSIDADES

Não sabemos se os estimados leitores do «Notícias» ligam qualquer raminho de importância a isto a que nós chamamos «Curiosidades». No entanto, no meio de tantos, alguns gostarão de saborear este aperitivo — antes ou depois do pequeno almoço — e sobretudo no que diz respeito ao assunto de hoje, que, como se verá, trata de um casamento no qual predominou a elasticidade estomacal. Ora vejamos:

«Casamento cigano festejado durante três dias em que se consumiram 12 bois, centenas de aves, carneiros e grande quantidade de vinho...»

CORDOBA — Na localidade de Pañarroya, celebrou-se o casamento dos ciganos Juan António Silva Vargas e Quintina Vasquez, sobrinha do «rei» dos ciganos da Extremadura. No trajeto, desde a casa da noiva até onde se celebrou a cerimónia, num percurso de 600 metros, foram lançadas 1.000 pesetas em moeda fraccionária, assim como 40 quilos de rebuçados, levando os noivos a percorrer aquela distância mais de uma hora, devido à enorme aglomeração de público.

A maneira «calé», foi proclamada a cerimónia do casamento. A noiva foi passeada aos ombros de ciganos durante 12 horas entre cânticos e típicos bailes. No festejo, foram consumidas enormes quantidades de vinhos e licores, tendo a festa durado três dias consecutivos. O pai da noiva ofereceu ao novo casal quatro mulas, avaliadas em 80.000 pesetas e, além disso, 1 quilo de notas de 100 pesetas cada uma, equivalente a umas 50.000 pesetas. Durante a festa foram sacrificados 12 bois, numerosos carneiros e centenas de aves domésticas. Assistiram à cerimónia grande número de ciganos de várias regiões espanholas. — U. P.

Felizmente, em Portugal não se verificam desperdícios de semelhante natureza, sendo certo que em vez de mulas se oferecem automóveis e jóias, estas, muitas vezes, no valor de centenas de contos, enquanto, por outro lado, há pessoas que não têm uma camisa lavada para substituir por uma suja, nem uma gota de azeite para alubar o caldo! Porém, em matéria de gula, se em Portugal se realizassem casamentos à semelhança daquele a que se refere a notícia transcrita, muito maior seria o número dos que passam fome e encontrar-se-ia em crise aguda o problema das subsistências. De resto, quanto à distribuição de 40 quilos de rebuçados no mesmo casamento, isto apenas poderá significar que mais vale distribuir rebuçados do que ser vítima do que é relatado na notícia seguinte:

«Do banquete de um casamento para o hospital...»

CASTELO BRANCO — (Pelo telefone) — Além das 52 pessoas já internadas no hospital desta cidade, em virtude de intoxicação com alimentos ingeridos num casamento realizado na povoação de Lentiscals, são esperados mais indivíduos que se encontram no mesmo estado, participantes, também, do mesmo banquete. O estado dos doentes, no entanto, é satisfatório.

Com certeza, não foi balthau o agente intoxicador, visto que o fiel amigo não se dá ao luxo de aparecer em casamentos. Pelo menos, assim acontece entre nós!

RACOLTA.

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, Lda

R. Cândido dos Reis, 74-2

TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

COMUNICADO

A Companhia de Seguros «A MUTUAL DO NORTE», de que são Agentes, nesta cidade, os Srs. Amadeu C. Penafort & Filhos, resolveu, em vista da sua progressiva carteira e no desejo de melhor atender os seus Segurados, montar, na Rua do Anjo n.º 35, um POSTO DE SOCORROS.

Desto modo, roga-se a todos os seus dedicados segurados que em caso de emergência façam convergir para o citado Posto de Socorros, que sob a Direcção do conhecido e hábil Enfermeiro diplomado, Sr. Amílcar Dias, patrocinado por proficiente Corpo Clínico, se coloca desde já às suas ordens.

«A MUTUAL DO NORTE» e os Srs. AMADEU C. PENAFORT & FILHOS aproveitam o ensejo para agradecerem, penhorados, a muita dedicação de todos os Segurados e aos quais põem, desde já, o seu incondicional e indelével reconhecimento.

486

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão de Mesa de 19 de Dezembro

Sob a presidência do Provedor, sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

A Mesa resolveu registar na acta desta sessão a sua satisfação pela forma como decorreu a recente inauguração dos melhoramentos hospitalares e ao mesmo tempo registar, igualmente, o seu reconhecimento às autoridades e demais pessoas que se dignaram assistir a esse acto, assim como à imprensa local e os srs. correspondentes de vários jornais pela forma como sempre se têm interessado pelos interesses desta Instituição.

O sr. Provedor comunicou que foi levantado do capital a importância de 71.265\$10 para liquidação dos legados provenientes do testamento com que faleceu a benfeitora desta Santa Casa, D. Luciana Ferreira Barroso da Costa Freitas.

Foi apresentada uma proposta do sr. António de Sousa, industrial, desta cidade, que a Mesa resolveu submeter à apreciação do sr. Advogado desta Santa Casa.

A Mesa autorizou o sr. Padre Luís Gonzaga, Mesário do Culto, a adquirir alguns paramentos e alfaias para a igreja de Santo António dos Capuchos, anexa ao Hospital Geral.

Conforme o costume, foi resolvido melhorar as refeições na noite de Natal, Ano Novo e Reis.

Foi aprovado o Balancete do Coife, apresentado pelo sr. Tesoureiro e verificado o cumprimento de todos os legados.

Foram registados, com muito reconhecimento, os seguintes donativos:

Dos srs. Alberto Pimenta Machado & Filhos, para despesas correntes do Hospital Geral de Santo António, 10.000\$00; do sr. José Torcato Ribeiro Júnior, idem idem, 5.000\$00; do sr. Eduardo Leite de Faria, idem idem, 150\$00; de um anónimo, 8 rasas de feijão e 4 de centeio; do sr. João Mendes Fernandes, 100 bijoux para os presos da cadeia; da firma J. Ladeira Guimarães & C.ª, 80 metros de tecido especie de riscado.

Foram ainda tratados vários assuntos de interesse para a Misericórdia.



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se público que pelo Juízo de Direito da comarca de Guimarães e 2.ª secção, nos autos de habilitação que o requerente Bernardino Alves Marinho, casado, comerciante, da Rua de Santo António, desta cidade, move contra os requeridos Francisco dos Prazeres Patinha e outros, da vila e comarca de Loulé, correm éditos de trinta dias, notificando aquele Francisco dos Prazeres Patinha, ausente em parte incerta, sendo o seu último domicílio na vila e comarca de Loulé, para no prazo de oito dias, a contar da segunda e última publicação deste e decorrido que

A. GOUVEIA

Reparações Garantidas

(ESTAÇÃO DE SERVIÇO PHILIPS)

Receptores: Eletrográficos: Diatermia: Rato X: etc.
= BOBINAGENS =

Todos os aparelhos vendidos por A. GOUVEIA têm assistência técnica garantida.

AV. CONDE MARGARIDE — TELF. 40436 P. B. X. GUIMARÃES

Agências: Philips - Hoover - Shell - Reparações - Acessórios Industriais

seja o prazo dos éditos, contestar, querendo, a habilitação em que aquele requerente pede para o requerido e outro sejam julgados únicos e universais herdeiros da Ré na acção sumária apensa ao referido processo de habilitação, Albertina dos Prazeres Patinha, viúva, comerciante, moradora que foi na Vila e comarca de Loulé, seguindo-se os demais termos do art.º 378.º e seus §§, do Código de Processo Civil.

Guimarães, 22 de Dezembro de 1952.

O Chefe da 2.ª Secção de Processos.

Maurício da Ponte Machado.

O Juiz de Direito, 4
Lobo e Silva.

Caixa de C. Agrícola Mútuo de Guimarães

Convocação da Assembleia Geral

Como determinam os Estatutos, a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Guimarães, convoca a Assembleia Geral Ordinária para o dia 21 do próximo mês de Janeiro, pelas 10 horas, no largo João Franco, n.º 18, desta cidade. Não reunindo a maioria dos sócios para a realização da referida Assembleia, fica esta adiada para igual hora do dia 29 do mesmo mês, procedendo-se então válidamente com qualquer número de sócios presentes ou representados.

Assuntos a tratar:

- 1.º Discutir e votar Balanço as conclusões do relatório e o parecer do Conselho Fiscal.
- 2.º Julgar os actos da Administração.
- 3.º Fixar ordenados.
- 4.º Elegir os Corpos Gerentes.

Os livros de escrituração e todos os documentos respeitantes às operações sociais serão associados durante os oito dias anteriores ao dia designado para a primeira convocação.

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Guimarães, 31 de Dezembro de 1952.

O Presidente da Assembleia Geral,

Francisco da Silva Correia.

Junta de Turismo das Termas de Vizela ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 30 de Janeiro de 1953, pelas 15 horas, na Junta de Turismo das Termas de Vizela, perante a Comissão para esse fim designada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de empreitada da construção da 1.ª fase do Campo de Jogos de Vizela.

Base de Hectárea... 217.013\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documentos comprovativos de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações o depósito provisório de Esc. 5.000\$00 mediante guia passada pela Junta de Turismo das Termas de Vizela em qualquer dia útil, durante as horas de expediente até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria da Junta de Turismo das Termas de Vizela e na Direcção de Urbanização de Braga.

Vizela, 30 de Dezembro de 1952.

O Presidente da Junta de Turismo das Termas de Vizela,

Manuel Alves Machado da Fonseca e Castro.

Ofertas e Procuras

Raspa para plantações e pontas de chifres de boi e vaca para CUTEIARIAS

Vendem-se boas qualidades a bons preços. Informam nos baixos desta Redacção.

Estabelecimento com Armazém

Aluga-se à entrada da Rua de Santo António n.º 17 e 19. Informa esta Redacção.

GINÁSTICA

Correctiva e médica, individual e em curso, terças e sextas-feiras, às 5 horas, no Grémio do Comércio.

CARTONAGENS há muitas, isso é verdade!...

TEM FRIO?

Compre agasalhos na Camisaria Martins e Casa Jaime.

O maior sortido em casacos, gilets, pulovers, camisolas, ce-roulas, meias, peças de lá, vestidos, toucas, caché-cóis, luvas de lã, calçado de agasalho, tudo para homem, senhora e criança. Lãs em fio, só na Camisaria Martins e na Casa Jaime, ao Tournal.

Mas Perfeita

há só uma, isso também é verdade

É na Rua Capitão Alfredo Guimarães Telefone, 40195